

Aproximação ao contexto do acervo museológico do Museu Regional de Dundo

Approach to the context of the collection museológico of the Regional Museum of Dundo

Mbaz Nauege^{1*}, Ricardo Manuel Txissola Nelson², José António Tamayo Soler³, Gretter Ledesma Santos⁴

¹ PhD. Categoria docente ou acadêmica. Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte.
nauege2015@gmail.com

² Lic. Categoria docente ou acadêmica. Escola Superior Politécnica da Lunda Sul.
ricardonelson05@gmail.com

³ MSc. Categoria docente ou acadêmica. Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte.
josetamayosoler@gmail.com

⁴ PhD. Categoria docente ou acadêmica. Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte.
gretterledesma1@gmail.com

*Autor para correspondência: nauege2015@gmail.com

RESUMO

Este artigo possui relevância para diversas áreas, visto que interage com diversos elementos e instituições constituintes do espaço local e regional, como escolas, universidades, instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, público em geral, além da forte impressão que causa no imaginário das pessoas pela sua temática diferenciada. Repensar em como a alternativa de proximidade dos alunos e pessoas da sociedade aos Museus pode ser uma ocupação em detrimento de outras alternativas menos produtivas e saudáveis entregues à sociedade. Não existem literaturas sobre o contexto do acervo museológico do Museu Regional do Dundo. Isso levou a elaborar uma pesquisa que facilita a compreensão dos conhecimentos de conteúdo de História de Angola através do Museu Regional do Dundo. Graças aos métodos de níveis teóricos, empíricos e estatísticos, foi possível recolher as informações e analisar; os resultados mostraram ser necessário criar várias alternativas para aproximação dos jovens e pessoas aos Museus.

Palavras clave: palavra 1, palavra 2, palavra 3, palavra 4, palavra 5.

ABSTRACT

This article possesses relevance for several areas, because it interacts with several elements and constituent institutions of the local and regional space, as schools, universities, public and private, national and foreign institutions, public in general, besides to strong impression that causes in the imaginary of the people for his/her differentiated theme. To rethink in as the alternative of the students' proximity and people of the society to the Museums can be an occupation to the detriment of other less productive and healthy alternatives given to the society. Literatures don't exist on the context of the collection museológico of the Regional Museum of Dundo. That took to elaborate a research that facilitates the understanding of the knowledge of content of History of Angola through the Regional Museum of Dundo. Thanks to the methods of levels theoretical, empiric and statistical, it was possible to collect the information and to analyze; the results showed to be necessary to create several alternatives for the youths' approach and people to the Museums.

Keywords: word 1, word 2, word 3, word 4, word 5.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje é comum na sociedade encontrar falta de ocupação dos jovens nos seus tempos livres, o que quer dizer que depois da escola os jovens ocupam o seu tempo em actividades pouco produtivas e as vezes mesmo anti-sociais. Este talvez, é um motivo que podasse associar ao aumento da delinquência nesta franja social e a falta de uma orientação em defesa dos valores sociais necessários para uma vida em harmonia, virada para o equilíbrio.

Infelizmente existem várias formas de ocupar os adolescentes, como o desporto e a cultura que não são tidas nem achadas por falta de políticas e estratégias para tal. Este é um problema que pode ser ultrapassado se haver vontade e dedicação e sendo assim reforçarmos a formação da cultura patriótica e de cidadania.

Angola é um país muito rico nas mais variadas vertentes da sua cultura, facto é que esta riqueza cultural que vem sendo passada de geração em geração, hoje enfrenta uma das suas fases controversas de sobrevivência muito por causa da globalização que impõe modelos de vida diferentes face ao potencial económico e ao consumismo a outras onde o espaço de defesa se encontra fragilizado.

Os países na condição de fragilizados, devem impor políticas de defesa da sua cultura para que não sejam “engolidos” e evitem uma neocolonização. Estas políticas devem ser inseridas e adotadas desde a base, referimo-nos aqui ao sistema de ensino e aprendizagem onde o alvo a munir de conteúdos necessita de receber também uma orientação sobre os mais variados e ricos aspectos da sua cultura, deve o formando munir culturalmente as novas gerações. Realçar ainda a riqueza de cada cultura, que por si só manifesta a maneira de estar e de ser de um povo.

Assim sendo, podemos olhar para o que temos ainda em posse para a preservação e resgate de alguns aspectos da nossa cultura como a língua, a culinária, os hábitos e costumes, onde os museus são de capital importância pois são a memória viva do nosso percurso histórico.

Esta abordagem vai centralizar-se nos museus e na região leste de Angola, aqui vamos particularizar o Museu Regional do Dundo. Os Museus ou “mouséion”, forma como era chamado em sua definição primária ou clássica, possuem uma história bastante antiga, conhecidos como o templo das musas da memória na Antiguidade, nos remete ao século XI, tendo como entendimento básico de museu, aquele relacionado à conservação e coleção de objectos antigos, nos remetendo a pré-história. (Falk e Dierking, 1992).

É ainda bastante comum a associação da palavra museu a locais com a função de “guardar coisas velhas”. Por outro lado, é crescente a percepção, por parte do público, do papel de local de lazer, deleite, contemplação e diversão que os museus possuem. Mas, serão os museus ambientes de educação? Se a resposta para essa pergunta for positiva, que processos educativos ocorrem nos museus, especialmente naqueles dedicados a ciências naturais? Serão as visitas familiares e escolares aos museus de ciências momentos de aprendizagem?

Essas perguntas fazem parte de conjuntos de problemas aos quais investigações no campo da educação vêm se dedicando, ora enfocando temas educacionais amplos relacionados ao papel social e educacional dos museus, ora tomando por foco questões específicas de aprendizagem ou sobre processos de transposição do conhecimento científico nos espaços expositivos e nas demais atividades educativas (Hooper-Greenhill, 1994; Falcão, 1999; Marandino, 2004).

Consideram-se os museus como espaços educativos. Neles, as experiências vivenciadas se projetam para além do deleite e da diversão. Programas e projetos educativos são gerados, com base em modelos sociais e culturais. Seleções de parte da cultura produzida são realizadas com o intuito de torná-la acessível ao visitante. Como em qualquer organização educacional, processos de recontextualização da cultura mais ampla se processam possibilitando a socialização dos saberes acumulados. Mas haverá alguma especificidade nos processos educativos que ocorrem nos museus?

Neste artigo busca-se discutir particularidades da educação em museus e aspectos sobre seu acervo museológico, tendo por foco o Museu Regional do Dundo.

DESENVOLVIMENTO

Aspecto Pedagógico de Museu

A literatura na área de museus de ciências aponta algumas particularidades relacionadas aos processos educacionais desenvolvidos nesses locais. Para Van-Praet e Poucet (1989), a especificidade do museu está relacionada a elementos como o lugar, o tempo e a importância dos objetos. Além disso, esses autores se apoiam na ideia de que a exposição é uma média, diferente da escola e de outras medias, mesmo que usem certas técnicas comuns de comunicação. Com relação às especificidades pedagógicas dos museus, a questão da brevidade do tempo é destacada, já que este é onipresente na escola. Ao contrário, no museu, apesar do tempo também ser essencial para as estratégias de comunicação, “ele é muito breve se considerarmos os minutos que cada visitante concede a um objeto, a um tema, durante uma visita que poderá ser a única de sua vida”. Este tempo é determinado tanto pela concepção da exposição como pelo animador/mediador da mesma.

Outra especificidade do museu indicada por esses autores seria o lugar, concebido como um trajeto aberto, em oposição ao espaço “fechado” da escola. Nele, o visitante é geralmente voluntário e não fica preso, sendo “cativado pela exposição durante seu percurso”, além de ficar rodeado por uma “multidão barulhenta e movimentada”. Nesse sentido, é importante haver uma preparação dos educadores, dos dispositivos de recepção e de organização do tempo no museu para evitar o possível cansaço comum nessas experiências. Nesse aspecto, os educadores devem ser sensibilizados para perceber que “uma exposição é cada vez menos uma sucessão de temas independentes e que sua apropriação passa pelo seu percurso, com sua ambientação, sua inserção no espaço, sua cenografia” (Van-Praet e Poucet, 1992).

No que se refere ao conceito de Museus, existem vários, porém todos expressam a mesma ideia, como a que apresenta o ICOM – (Conselho Internacional de Museus, 2004), que define Museu como sendo: “Uma instituição ao serviço da sociedade, que adquire, comunica e expõe, essencialmente para fins de estudo, conservação, educação e cultura, testemunhos representativos da evolução da natureza do homem” (p.46).

Outra definição, encontrada no material didáctico de história, esta mais antiga, nos remete a origem da palavra museu, que é latina derivada do grego “mouseion”, sendo que aqui este é entendido como (uma instituição que abriga coleções de objectos de valor artístico, histórico ou científico, conservados e expostos para a educação ou entendimento do público).

O museu tem como base o princípio do colecionismo, mas não se desenvolve e termina neste, ou seja, um museu não é somente um conjunto de objetos colecionados, são o espelho da sociedade, do seu desenvolvimento, do passado e do presente. Entendendo-se, como referimos, o conceito de museu como montra de uma coleção de artefactos totalmente obsoletos, espera-se hoje que o museu seja um instrumento educador, capaz de promover o reconhecimento dos novos patrimónios (ex. património industrial), e que evidencie uma aposta clara na nova museologia (Gonçalves, 2005).

Avançando para a temática das funções que dizem respeito às instituições museológicas: “A primitiva função atribuída ao museu foi a de guardar e mostrar objetos de significado histórico ou, como tal, tornados simbólicos de uma época ou de uma cultura” (Roque, 1990, p.58).

Segundo Hernández e Tresseras (2001) as principais funções de qualquer museu ou instituição patrimonial são: (i) identificar, recuperar e reunir grupos de objetos e coleções; (ii) documentá-los; (iii) conservá-los; (iv) estudá-los; (v) apresentá-los ou expô-los publicamente; (vi) interpretá-los ou explicá-los.

As pessoas veem os museus como fundamentais para uma aprendizagem para todos. Desde oferecer apoio à educação de crianças até motivar adultos a descobrirem mais sobre história, arte, ciências e vida contemporânea, os museus podem inspirar uma paixão pelo conhecimento e um amor pela aprendizagem que dure uma vida inteira. Os museus facilitam descobertas, compartilham conhecimentos e estimulam a reflexão. Eles promovem um pensamento aberto ao questionamento, ao debate e à criticidade, assim como a contemplação, a curiosidade e a criatividade. Oferecem apoio a artistas, ajudam a preservar as técnicas ligadas ao artesanato tradicional e despertam nas pessoas a vontade de criar objetos.

Muitos autores apontam o ambiente como um factor determinante na satisfação do cliente de serviços (Baker, Grewal e Levy, 1992; Davis, 1984; Hein, 1998; Leblanc e Nguyen, 2002; Koernig, 2003; Jeong e Lee, 2005; Kottasz, 2006; Bonn et al., 2007).

O ambiente pode ser visto como a estrutura física do museu, isto é, o edifício, o design e a localização, o conforto que o mobiliário proporciona, os assentos (sofás, cadeiras) e outras estruturas que permitam ao visitante descansar e usufruir do espaço com comodidade. Neste sentido, pode influenciar o comportamento dos clientes, bem como dos funcionários do prestador de serviços (Davis, 1984).

O mesmo autor refere também que o ambiente influencia um conjunto de percepções tais como a imagem profissional, o status, a imagem da organização e a estética. Deste modo, o ambiente deverá ser um factor a ter em conta pelos gestores e não apenas por quem originalmente o concebe, uma vez que o objectivo de potenciar o ambiente deverá estar de acordo com um conjunto de objectivos que visam outros aspectos que determinam a escolha de uma organização por parte dos seus profissionais e clientes.

Kottasz (2006) estudou o ambiente em museus no Reino Unido, no sentido de perceber como este pode influenciar as emoções e os comportamentos dos visitantes. Assim, foi desenvolvido um modelo onde são indicadas as relações entre o ambiente do museu e a satisfação do visitante.

O conceito de ambiente do museu pode também ser subdividido em três subgrupos: o ambiente da exposição, o ambiente envolvente e o tamanho da exposição (Jeong e Lee, 2005). Ainda em 2005 os autores referem que o ambiente da exposição tem maior efeito na satisfação da experiência de visita ao museu.

O ambiente físico é o espaço físico ou tangível do museu, o número de pessoas, e de assentos, o ruído (Bonn et al. 2007; Goulding 2000a) o aspecto do edifício, a decoração, a sinalética do espaço, o design e o layout (Baker et al., 1992; Leblanc e Nguyen, 2002).

O ambiente social no retalho também foi estudado, o estudo mostra que uma loja com mais empregados e com empregados simpáticos tem os clientes a passarem mais tempo na loja, pois sabem que podem interagir com o seu pessoal. A questão social neste estudo éposta, na medida em que a própria infra-estrutura de prestação do serviço proporciona um bom ambiente social.

Entre as acções que ajudam o museu a ter mais impacto social se encontram:

1 – O museu deve firmar um compromisso claro para aumentar o seu impacto social. Deve-se pensar nisso como a principal atividade exercida por ele. Os museus já tomam decisões quanto a suas coleções e instalações considerando as décadas seguintes; tenham-se também metas estratégicas a longo prazo no que diz respeito ao impacto que trazem.

2 – Deve-se reflectir sobre os impactos que o museu já causa hoje. Ouvir-se frequentadores e não frequentadores. Descobrir quais são as necessidades locais. Envolver toda a equipe e apoiadores, tendo em mente quais necessidades poderiam ser melhor atendidas. Penser cuidadosamente a respeito da área em que o museu poderia ter um impacto mais útil. Os museus de pequeno porte precisarão ser mais seletivos; os museus maiores devem buscar formas de impacto mais amplas e variadas.

3 – Deve-se pesquisar o que outros museus estão fazendo para trazer impactos positivos. Há uma enorme quantidade de informações disponíveis.

4 – Identificar parceiros adequados e se conectar com eles. Para muitos museus, eles costumam ser entidades assistenciais locais, empresas sociais ou organizações do setor público dedicadas a promover um impacto social positivo. Pode ainda haver pessoas em universidades da região com objetivos similares. Não se deve ficar surpresos se possíveis apoiadores não tiverem pensado em investir ou trabalhar com museus antes, requerem-se estar preparado (a) para convencê-los de que o museu pode oferecer apoio para que os objetivos traçados por eles sejam alcançados.

5 – Deve-se elaborar propostas práticas, trabalhando com parceiros de igual para igual. Ser-se claros quanto aos objetivos que vocês compartilham. Tirar o máximo de proveito dos conhecimentos prévios acerca de cultura, coleções e aprendizagem e também aproveitar os conhecimentos prévios dos parceiros no que diz respeito ao impacto social.

6 – Alocar recursos. Talvez se precise trabalhar com os parceiros para arrecadar fundos, mas algumas ações precisam começar de modo mais discreto, a partir dos recursos já disponíveis.

Há oportunidades de levantar recursos financeiros por meio de órgãos públicos, fundações, além de outros serviços públicos.

7 – Rever as práticas e procedimentos a fim de atender às necessidades dos parceiros e de outras pessoas que pretendesse atrair. Inovar e estar preparados para assumir riscos: considerar-se os benefícios trazidos pela utilização e compartilhamento do acervo, e não apenas a pequena possibilidade de ele sofrer avarias nesse processo.

8 – Reflectir sobre trabalho. Aprender com os parceiros e os participantes dos programas promovidos pelo museu. Considerar os benefícios de avaliar e mensurar os impactos alcançados. Manter-se em contato com outros museus e outros parceiros em potencial para contar a respeito do que se tem feito e aprendido.

9 – Encontrar meios para que os participantes e os parceiros tenham um impacto profundo na instituição. Incentivar uma maior participação em todos os aspectos do trabalho: procurar integrar mais pontos de vista e delegar-se mais poderes. Estimule a contribuição das pessoas nas tomadas de decisão quanto às ações a serem executadas, o que expor e que tipo de questões discutir.

10 – Esforçar-se para empreender mudanças contínuas a longo prazo, baseadas em relacionamentos duradouros com parceiros e participantes, que possam ir além de trabalhos pontuais e projetos isolados.

Abordagem sobre o surgimento dos museus em Angola

Não se pode pretender estudar as instituições museológicas em Angola sem referenciar a situação das colecções africanas nos museus em Portugal e, sobretudo, a filosofia que norteou o interesse e o tratamento dado às colecções das então províncias do ultramar em África. A história revela-nos que o movimento de recolha dos objectos da cultura material africana e a constituição das colecções em Portugal foi um dos mais antigos da Europa, pois, foi Portugal, uma das primeiras potências colonizadoras que teve contacto com a parte subsariana de África

Pode-se dizer que desde o fim do século XV, foram acumuladas preciosidades e curiosidades como tesouros trazidos dos territórios considerados “exóticos”. Do reino do Congo, por exemplo, em 1486, marfins trabalhados foram levados para Portugal por enviados de Diogo Cão, como oferta ao rei Dom Manuel I (Oliveira, 2012). É possível que muitos objectos obtidos pelos portugueses logo nas suas primeiras viagens em África, tivessem chegado a Lisboa e sido guardados nas colecções privadas como curiosidades e mais tarde, oferecidos ao monarca português e aos museus. Contudo, isso no século XIX, esses objectos vão suscitar interesse e merecer a atenção dos museus de Portugal. Nas colónias, esse interesse só vai surgir no início do século XX, e em Angola, com o incremento da política da colonização científica, é o primeiro território onde a primeira experiência vai ser implementada.

Museu Regional do Dundo: sua organização estrutural

O Museu Regional do Dundo, localizado na província da Lunda Norte, destaca-se pela sua acção de preservação, valorização e divulgação da cultura do leste do país, com particular realce para a região Lunda Tchokwe, com um acervo museológico que data desde a sua criação em 1936, pela Companhia de Diamantes de Angola (Diamang).

O Museu Regional do Dundo, explora a parte etnográfica, a história natural, pré-história, bem como arqueologia, possui mais de 9 mil peças que retratam os hábitos e costumes das comunidades do antigo reino da Lunda, entre as quais 913 artefactos móveis e imóveis estão na exposição permanente.

O Museu apresenta igualmente ao público artefactos da pré-história, religião, exposição da indústria mineira, da resistência à colonização alguns aspectos que retratam a presença portuguesa na região, bem como documentos que certificam o processo de colonização.

O museu, possui 10 salas de exposição permanente ou de longa duração, uma de exposições temporárias. Com uma coleção etnográfica de cerca de 9 mil peças, já foi considerado um dos maiores a sul do Saara, na década de 50.

Quanto ao seu organograma funcional, o Museu Regal do Dundo tem como responsável máximo um director que é auxiliado por quatro chefes de departamentos. São um total de 31 trabalhadores sendo 28 homens e 3 mulheres dos quais 27 prestam serviços de administração e vigilância e 4 são guias.

Desde a sua reabertura em 2012, não foram feitas recolhas de objectos para o aumento do acervo museológico, as actividades de iniciativa do museu têm se resumido em palestras e seminários.

Colecções etnográficas do Museu Regional do Dundo

A constituição das colecções etnográficas do Museu Regional do Dundo deve-se ao Sr. José Redinha, etnólogo, que a convite do Engº Henrique Quirino da Fonseca, então Director Geral da Diamang, aceitou assumir a complexa tarefa de assegurar a edificação desse empreendimento. À José Redinha, foi incumbida a principal tarefa de constituir uma colecção de objectos de boa qualidade e que ele teria iniciado a actividade com a sua colecção particular antes de 1936.

Os arquivos do Museu Regional do Dundo, indicam que os objectos que construiriam as primeiras colecções foram colhidos nos primeiros anos nas áreas mais próximas do Dundo. Contudo, logo em 1937, foi organizada a primeira campanha de recolha designada “Expedição de Kamaxilo”. Em 1939, uma nova expedição realiza-se na zona de Alto Zambeze. As duas expedições reúnem um importante acervo que começa a dar forma e orientação etnográfica ao acervo do Museu. O relatório da segunda expedição foi publicado em dois volumes nas publicações culturais da Diamang. Entretanto, nas proximidades do Dundo foi-se recolhendo mais quantidades de objectos que foram recebidos junto das populações. Os documentos consultados no museu não se referem ao modo de aquisição na sua maioria além das ofertas ocasionais feitas pelos “Sobas”, chefes tradicionais quando são visitados ou quando esses, são convidados para visitar o Museu e a Aldeia Museu.

O relatório de 1943, refere-se a 374 objectos adquiridos durante o ano, “... figurando entre eles uma série razoável de esculturas, alguns regulares e de boa madeira”. Nos relatórios mensais e anuais do Museu reserva-se a secção de etnografia para as actividades museológicas indicando sempre o número de objectos adquiridos. Nos critérios de avaliação desses objectos é comum utilizar os qualificadores tais como: esculturas “razoáveis”, de boa madeira, de “algum mérito”, outras para seleccionar as peças consideradas como de valor museológico. No relatório mensal do mês de Fevereiro de 1949, Mário Fontinha, assinala que nos objectos de arte indígena existentes no Museu encontram-se objectos de “real valor”, atendendo a rudimentar indústria de que dispõem os seus autores e o primitivismo em que se encontram. Segundo apreciação do Museu, inicialmente as peças valeriam somente pela utilidade, depois estabelecer o critério de confronto entre as peças da mesma função diferenciando as mais úteis das menos úteis e notando os defeitos, pela natural tendência de aperfeiçoamento, donde resultam finalmente algumas peças que se consideram de “grande valor”.

O critério de selecção das peças não é determinado pelos nativos, mas sim pelo conservador do Museu e seus colaboradores. Assim, os objectos recolhidos e que entravam no Museu, obedeciam à apreciação do especialista para constar ou não nas colecções. Segundo informam os relatórios, muitos desses objectos que não respondiam aos critérios da selecção eram postos de lado para oferta. Um outro modo de aquisição era tido em conta para o Museu, era a produção artística dos escultores do Museu. Nos anos 40 e 50, nas campanhas de recolha organizadas pelo Museu nos arredores do Dundo e nas localidades mais próximas constatou-se ao longo dos anos uma carência em objectos culturais, sobretudo, esculturas, razão pela qual o Museu concentrou os que se consideravam melhores artistas para serem enquadrados no incremento da produção artística.

Os objectos produzidos tinham como objectivo, garantir e perpectuar os “padrões” artísticos da cultura cokwe. Os melhores artistas eram identificados com símbolo que representavam a “patente” da autoria da sua obra. Lamenta-se a intervenção dos conservadores do Museu e outros colaboradores naquilo que se chamou de «aperfeiçoamento no enquadramento técnico da linha estilística do talento dos escultores» e que se considera a submissão e desfasamento da criatividade dos escultores nativos. Uma parte dessa produção era depositada no Museu e hoje, constata-se que essa produção integra as colecções etnográficas. Numa das passagens do relatório anual de 1957, José Redinha, elegia a produção dos escultores de madeira, que continuam a apresentar trabalhos de interesse como sempre acontecia. Para o Museu, esse enquadramento técnico era para manter o mais puro possível a “arte tribal”. As “peças perfeitas” entravam nas colecções dos escultores chamados modernos independente das colecções do Museu. Uma parte dessas peças, segundo o relatório eram entregues a Direcção Geral na Lunda e outra enviada para Lisboa, à sede.

Entre 1959 e 1960, foram executadas 263 peças, das quais 120 foram oferecidas e 143 depositadas nas reservas. Significa dizer que objectos da escultura executados por escultores do Museu integraram as colecções no processo da constituição das colecções do Museu. O incremento do trabalho de escultura na perspectiva do Museu, evolui tanto em 1961, sobre 151 peças executadas, 148 foram consideradas de “considerável mérito artístico” e apenas 4 foram rejeitadas.

CONCLUSÕES

A revisão critica da literatura dos diferentes temas, que do ponto de vista teórico abordadas sobre o impacto do museu na construção da identidade e autonomia dos jovens, consideram-no dentro da dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, como um factor de importância na educação dos mesmos.

Ao desenvolver o diagnóstico inicial do problema de investigação, pôde-se constatar a existência de insuficiências, que de uma forma ou outra limitam a aproximação dos jovens e pessoas da sociedade nos tempos livres ao museu. A pesquisa mostra o contexto do acervo museológico para a oportuna aproximação ao Museu Regional de Dundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baker, J., Grewall, D. e Levy, M. (1992), “An experimental approach to making retail store environmental decisions”, *Journal of Retailing Winter*, 68, 4, 445-460
- Boletim oficial da Província de Angola, nº16, decreto nº 372, de 19.4.1913.
- Bonn, Mark; Joseph-Mathews, Sacha; Dai, Mo; Hayes, Steve e Cave, Jenny e (2007), “Heritage/Cultural Attraction Atmospherics: Creating the Right Environment for the Heritage/Cultural Visitor”, *Journal of Travel Research*, 45, 345-354
- Falcão, D. (1999) Padrões de Interação e Aprendizagem em Museus de Ciência.. Dissertação de Mestrado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências. Departamento de Bioquímica Médica do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ, Rio de Janeiro.
- Falk, J. H. e Dierking, L. D. (1992) *The Museum Experience*. Washington, DC: Whalesbak Books.
- Garcia, N. (2003). *O Museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável*. Coimbra: Instituto Politécnico da Coimbra.
- Gonçalves, J. R. (2005). Os museus e a representação do Brasil: os museus como espaços materiais de representação social. In: CHAGAS, Mario (org.). *Museus: antropofagia da memória e do patrimônio*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, no. 31, p.254-273.
- Hein, G. E. (1998). *Learning in the Museum*. London: Routledge
- Hernández, J. e Trasseras, B. (2001). Jordi Juan i. *Géstion del patrimonio cultural*. 3, ed. Barcelona: Ariel Patrimonio, 2001.
- Hernández, Josep Ballart, Trasseras (2002), Looking for learning in visitor talk: A Methodological exploration. In *Learning Conversations in Museums*. Edited by G. Leinhardt, K. Crowley, and K. Knutson, 359-303. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hooper-Greenhill, E. (1994) Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums, p. 3-25. In: *The Educational role of The Museum*. Routledge, London.
- Jeong, J.-Hoon e Lee, K.-Hoon (2005), “The physical environment in museum and its effects on visitors’ satisfaction”, *Building and Environment*, 41, 963-969
- Kottasz, R. (2006). “Understanding the Influences of Atmospheric Cues on the Emotional Responses and Behaviors of Museum Visitors.” *Journal of Nonprofit & Public Sector Marketing* vol.16, nº1-2, pp. 95-121.
- Leblanc, G. e Nguyen, N. (2002), “Contact personnel, physical environment and the perceived corporate image of intangible services by new clients”, *International Journal of Service Industry Management*, 13, 3, 242-262.

Marandino, M. (2004) O conhecimento biológico nos Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira, José (2012). O Museu e a sua arquitetura no mundo globalizado: entre informação e virtualidade. *Museologia & Interdisciplinaridade*. Brasília, v. 1, n. 1, jan./jul. 2012.

Roque, M. I. R. (1990). A comunicação no museu. (Dissertação Final do Curso de Pós-Graduação em Museologia e Património Artístico, Universidade Lusíada,

Van-Praet, M. e Poucet, B.(1992) Les Musées, Lieux de Contre-Éducation et de Partenariat Avec L'École, in *Education & Pédagogies – dés élèves au musée*, No. 16, Centre International D'Études Pédagogiques.

Síntese curricular dos autores

Doutor em Ciências da Educação, área de especialização de Psicologia da Educação na Universidade do Minho/ Instituto de Educação (Braga / Portugal). Mestre em Ciências de Educação. Licenciado em Psicologia. Professor Auxiliar. Orientador da Dissertação de Mestrado em Ciências de Educação edição 2018 na Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte/ULAN.

2 Licenciado em Ciências da Educação na especialidade de ensino de história na Escola Superior Politécnica da lunda- sul. Director da radio Nacional da Lunda Norte.

3 Mestre, Especialista em Desportos de Alto Rendimento, mais de 30 anos de experiência no desporto; preparador de atletas campeões do deporte de Halterofilia em eventos Centro Americanos, Pan-americanos e da Olimpíada Londres 2012. Professor auxiliar de Levantamento de Pesas na Universidade de Granma em Cuba, atualmente professor da Universidade LUEJI A'NKONDE em Angola.

4 Doutora em Ciências Pedagógicas, Mestre em Educação Superior menção Contabilidade e Finanças, e Engenheira Química. Professora Auxiliar. Com participação em vários eventos de carácter Internacional em Cuba, Argentina, México, Equador e Angola. Conta com publicações em revistas, socializando resultados investigativos, atualmente professora da Universidade LUEJI A'NKONDE em Angola.